

A COR NEGRA NA “AQUARELA”: ALGUMAS REFLEXÕES RACIAIS BRASILEIRAS DO INÍCIO DOS ANOS 1960¹

Janine Neves de Oliveira*

RESUMO: Este trabalho pretende analisar a questão racial brasileira, de início da década de 1960, a partir do “quadro musical do negro” inserido no espetáculo “Aquarela do Brasil”, de 1964, idealizado e realizado em Juiz de Fora, município de Minas Gerais. O quadro foi formado por um coral de negros e negras, além de percussionistas, que cantaram a música "Escravidão e Liberdade", cujo mote era a história dos escravos brasileiros, desde a travessia do Atlântico, passando pelo trabalho escravo, até a fuga para o Quilombo dos Palmares. Partindo do pressuposto de que os fenômenos culturais dependem dos contextos em que se encontram inseridos, busca-se, por meio da ilustração da peça teatral, compreender o “paradigma racial” nesse período, tomando como fio condutor analítico a abordagem sócio-histórica. Resgatando os discursos e estratégias instituídos pelas associações negras brasileiras disponíveis à época (em especial, os da Frente Negra Brasileira e do Teatro Experimental do Negro) e as produções acadêmicas e literárias sobre a temática racial e cultural do período, lança-se mão da reflexão acerca das possibilidades contextualizadas de identidade e valorização raciais. Por fim, pretende-se enlaçar o arremate entre o contexto que situava o paradigma racial do início da década de 1960 e a apresentação e a representação do quadro do negro da peça “Aquarela do Brasil”, no intuito de refletir acerca das questões raciais que permearam um período da história brasileira, procurando fomentar e enriquecer o debate e as reflexões sobre a questão, tomando como ponto de partida o caso ora destacado.

Palavras-chave: Aquarela do Brasil. Movimento Negro. Raça. Identidade Nacional.

INTRODUÇÃO

Aquarela do Brasil é o título de um espetáculo teatral que aconteceu em Juiz de Fora², no qual, em um de seus momentos, foi apresentado o “quadro do negro”, executado pelo Batuque Afro-Brasileiro³. A *performance* contou com a apresentação da música "Escravidão e Liberdade", um lamento sobre escravos, realizada por negros e negras juizforano(a)s, tratando-se de um fenômeno artístico que operava dispositivos simbólicos raciais, conforme virá a ser detalhado. Esta é a “empíria” que desencadeia o torvelinho de perguntas e reflexões quando se detém o olhar ao “objeto” destacado, buscando uma compreensão possível. A partir do recorte

¹ Este trabalho é um fragmento da pesquisa que vem sendo realizada para a dissertação da autora, que se refere a um estudo de cunho antropológico com o Batuque Afro-Brasileiro de Nelson Silva e as temáticas raciais.

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. Email: janineneves@rocketmail.com.

² Município localizado na Zona da Mata de Minas Gerais.

³ Batuque Afro-Brasileiro, que, desde 1969 recebe o complemento “de Nelson Silva” (como homenagem depois de sua morte prematura), continua ativo. Devido ao grande sucesso angariado na apresentação de 1964, Nelson Silva e os integrantes do Batuque decidiram continuar se apresentando. Por óbvio, passou por diversas mudanças e seus membros não são os mesmos dos que se apresentaram na *Aquarela do Brasil* (com poucas exceções).

em questão, procuram-se fragmentos na História do país a fim de se delimitar outros fragmentos de contextos políticos, sociais, artísticos, culturais, acadêmicos, com conteúdo limitado devido à dimensão deste trabalho, ressaltando que este estudo fixa como "objeto" a questão racial⁴ brasileira, recortada dentro de um determinado período.

Esta pesquisa possui por objetivo central analisar tal questão, conformada no início da década de 1960, a partir do recorte do quadro musical do negro executado no espetáculo mencionado. Para levar a cabo a empreitada, pretende-se, focalizando-se na *performance*, afastar o olhar para contextos mais amplos, no intuito de buscar e situar discursos, disponíveis no período, que apontem indícios para se pensar na possibilidade do tema da negritude ter sido abordado da maneira como foi.

O trabalho, além desta introdução, conta com quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se o ponto de partida: a peça de teatro, o quadro em questão, o Batuque Afro-Brasileiro, as pessoas envolvidas com a criação artística (José Carlos de Lery Guimarães e Nelson Silva) e os acontecimentos relacionados à apresentação. Seguidamente, intenta-se esmiuçar alguns contextos, com o objetivo de situar a discussão racial do início da década de 1960. No entanto, o período em questão não pode ser compreendido sem um recuo maior no tempo. Desse modo, o terceiro capítulo traz à tona o Movimento Negro brasileiro: sua historiografia, suas estratégias e seus discursos. Por fim, pretende-se arrematar os pontos levantados por meio do que pôde ser observado e descrito a cerca da *performance* engendrada pelo Batuque Afro-Brasileiro, buscando-se tecer algumas conclusões.

1. AAQUARELA DE LERY E O BATUQUE DE NELSON

Na cidade de Juiz de Fora, no ano de 1964, sucedeu a apresentação de uma peça teatral intitulada *Aquarela do Brasil*, que foi idealizada por José Carlos de Lery Guimarães⁵. Lery foi solicitado para a execução de tal projeto com a finalidade de promover um espetáculo, que abriria e fecharia o Campeonato Juvenil de Voleibol, que aconteceu nos dias 10 e 20 de julho desse ano, no campo do *Sport Club* da cidade (Oliveira, 2003). O mesmo já tinha realizado uma peça teatral anteriormente, intitulada *Cristo Total*, que alcançou grande sucesso na época, tendo

⁴ Utiliza-se o conceito de raça não por meio da base biológica. Raça é, aqui, entendida como uma construção social. Trata-se de uma categoria importante para as análises sociológicas, uma vez que pessoas classificam e tratam "o outro" pautando-se por ideias socialmente partilhadas. (Telles, 2012).

⁵ José Carlos de Lery Guimarães (1933-1999), juiz-forano nato multifacetado, geralmente, apontado como um dos grandes nomes do jornalismo da cidade. Empenhou-se em diversas atividades como: professor, radialista, poeta, cronista, compositor e advogado.

sido, inclusive, citada no jornal *Times* (Mostaro *et al.*, 1977). O espetáculo deveria conter um momento específico, o “quadro do negro”, onde Lery pretendia contar a trajetória dos africanos escravizados, desde a saída da África, passando pela travessia do Atlântico e pelo trabalho escravo no Brasil, até a fuga para o Quilombo dos Palmares. Para tal empreitada procurou o auxílio de Nelson Silva⁶. Vale ressaltar que Lery era branco; Nelson, negro.

Nelson que, à época, regia um pequenino coral para um programa de rádio local chamado *Serpentinas coloridas*, foi requerido por Lery para compor o “quadro do negro”. Para tanto, convocou negros e negras a fim de formar um coro e tocar instrumentos de percussão, com o objetivo de executar a música *Escravidão e Liberdade* (ritmo de lamento), especialmente composta para o espetáculo, narrando a trajetória já mencionada. Nelson reuniu, então, sessenta negros e negras, contando com dezoito vozes femininas que foram treinadas pelo regente, trinta atabaques, um afoxé, dois surdos, quatro pandeiros, um agogô, dois pares de maracas, e dois reco-recos (Mostaro *et al.*, 1977). Este grupo foi nomeado de Batuque⁷ Afro-Brasileiro.

No dia da apresentação, no momento do coral de Nelson entrar em cena (o espetáculo contou com mais de 1.400 figurantes e vários corais), as luzes do *Sport* foram todas apagadas. O grupo de Nelson adentrou o palco, todos os negros e negras vestidos de branco, carregando lampiões. Iniciadas as vocalizações harmônicas, o que se cantou e tocou foi a história contida na letra da música *Escravidão e Liberdade*:

ÓÓÓÓÓ
 ÓÓÓÓÓ
 ÓÓÓÓÓÓ
 ÓÓÓÓÓ
 ÓÓÓÓÓÓ
 ÓÓÓÓÓ
 ÓÓÓÓÓ
 ÓÓÓÓÓ

Ba-ba-ba-bá-nhé-ba-bá
 Ba-ba-ba-bá-nhé-ba-bá

A-a-a-a-a
 A-a-a-a-a

Ai meu sinhô.

⁶ Segundo Oliveira (2003), Nelson Silva (1928-1969) era um compositor eclético (suas composições variavam de sambas a boleros, valsas, hinos religiosos, toadas, dentre outros), tocador de acordeão e de vários instrumentos de percussão, regente de bateria, exímio passista e fiel entusiasta da escola de samba da cidade Feliz Lembrança. Tendo estudado harmonia, possuía predileção pelo canto coral. As pessoas que conheceram Nelson apontam que o mesmo possuía um aguçado intelecto. Por profissão, era tipógrafo. Nelson manifestava preocupações com a negritude, procurando ler e se informar sobre o tema.

⁷ “Batuque”, geralmente, é um termo usado para designar manifestações culturais sagradas e/ou profanas africanas e afro-brasileiras, onde se dança, canta e toca tambores. De acordo com Sandroni (2001), os termos *batuque* e *samba* foram usados como sinônimo até o início do século XX.

tem dó de mim,
 No meu peito quanta dô
 Meu sofrê num tem mais fim!

Cangeré
 Bota a cana pra moê!...
 Cangeré,
 Bota a cana pra moê!...

Ai sinhô,
 Ai Xangô,
 Tem piedade,
 Faiz caridade,

A iscravidão,
 Solidão e paixão!
 Solidão e paixão!

Nos palmares, nos palmares,
 Terminou a minha dô!
 Nos palmares, nos palmares,
 Encontrei meu grande amô!
 Encontrei meu rei-sinhô!

Liberdade! Liberdade!
 Grória, grória, liberdade!
 Grógria, grória, liberdade!
 Grória, grória!
 Liberdade! Liberdade!

O Batuque Afro-Brasileiro foi intensamente aplaudido, angariando elogios por parte do público e mídia locais. Parece lícito afirmar que a apresentação e a representação dos negros e negras juizforanos davam voz aos escravizados que expuseram sua dor, sua exploração e seu anseio por liberdade, fazendo-se ouvidos por uma plateia, e em um espaço, elitizados⁸ da sociedade juiz-forana. Salienta-se que o *Sport Club* encontrava-se lotado à ocasião.

2. ALGUNS ANTECEDENTES AUXILIARES AO CONTEXTO

Refletir sobre o período inicial de tal década solicita um recuo temporal estratégico, uma vez que o movimento político-militar que tomou cena em 1964 pode ser visto como um acirramento das tensões que se desenrolaram desde meados de 1940, que, por sua vez, remontam ao Estado Novo. (Gomes, 1998). Depois da consolidação do Estado Novo, os

⁸ Juiz de Fora não era uma exceção no que tange ao racismo da época. Espaços como o *Sport Club* (dentre outros lugares de “prestígio”, como teatros, clubes etc.) eram frequentados pela elite branca local. A cidade possui um histórico de racismo, contando inclusive com a segregação de espaços (tanto públicos, como ruas, quanto privados, como clubes) em que negros não podiam entrar e/ou transitar, até princípios do século XX, prática corriqueira nas cidades brasileiras. Foi, também, um município que, durante o período escravista, contou com muitas fazendas de café, como era comum em Minas Gerais. Com o advento da sua crescente industrialização, a mão-de-obra imigrante foi favorecida inclusive no setor industrial. (Batista, 2006).

conceitos de Brasil e de brasileiro transformaram-se radicalmente (Ortiz, 2012), por intermédio de uma refinada máquina de engenharia estatal. Segundo Gomes (1998), Getúlio Vargas, juntamente com os propagandistas de seu governo, em termos políticos, efetivou soluções engenhosas para os impasses entre o público e o privado, o moderno e o arcaico, problemas recorrentes nos modos de pensar e conduzir o país. Vargas conjugou a figura paternalista (a maneira de um senhor de latifúndio) com o papel imparcial de chefe de uma nação que se pretendia moderna, ou seja, racional e burocratizada. Sua ação no campo cultural foi igualmente profunda, gerando impactos duradouros. Por meio de sua *intelligentsia*, desenhou o projeto para a construção de uma identidade nacional (Ortiz, 2012), transformando manifestações antes estigmatizadas, como o samba e o futebol, em símbolos nacionais, por meio de um processo de “branqueamento”⁹ dos mesmos.

Ao fim do Estado Novo, seguiu-se um período de acalorados debates. Em escala global, o período foi marcado pelo término da Segunda Guerra Mundial, bem como pela polarização dos modelos capitalista e comunista. No Brasil, artistas, ativistas, intelectuais e políticos se posicionaram frente aos polos, ocupando um dos dois lados e fazendo com que os debates políticos entre a direita e a esquerda¹⁰ – e igualmente dentro delas – se aguçassem. De acordo com Mota (2010), as tensões recrudesceram após a renúncia de Jânio Quadros, aterrorizando setores militares e conservadores ante a possibilidade de uma revolução nacionalista e socialista.

Paralelamente à efervescência no campo da política, a produção intelectual oriunda das Ciências Sociais também se viu no meio de disputas. Encontrando-se em um momento de institucionalização e normatização enquanto ciência, a hegemonia intelectual e acadêmica foi alvo de contendas, protagonizadas, principalmente, pelos intelectuais que compuseram os quadros do que se convencionou chamar, equivocadamente, de os “cariocas” (representados pelo ISEB¹¹) e os “paulistas” (pesquisadores ligados à USP). Para os fins deste artigo, faz-se

⁹ O que, em linhas gerais, significa dizer que o samba e o futebol necessitavam ser domesticados e higienizados. O samba, por exemplo, precisou ser desvinculado da “malandragem”, surgindo, dessa forma, o chamado “samba cívico” ou “samba exaltação”, cujos temas deveriam ser o ufanismo, com letras patrióticas e estética grandiloquente. Tais mudanças serviriam para emparelhar essas manifestações aos ideais de progresso, tão caros ao Estado Novo, visando a dominação da classe trabalhadora. A este respeito ver Reis (1993) e Pereira (2012).

¹⁰ Havia setores à direita da sociedade, como os segmentos conservadores e militares, que criticavam o “populismo” de Getúlio Vargas (e, posteriormente, outros “populismos”, como os de JK e Goulart), avaliando-o como estratégia de manipulação de massas que não sabiam votar. Vale ressaltar que Vargas não era o representante da “esquerda” brasileira, sendo atacado pelos dois flancos: “direita” e “esquerda”. (Gomes, 1998).

¹¹ O Instituto Superior de Estudos Brasileiros, órgão vinculado ao Ministério da Cultura e Educação, criado em 1955, “[...] tinha como objetivo a produção de conhecimento nas áreas de Ciências Sociais, Economia, Filosofia e História. [...]”. (Motta, 2010, p. 86). Como aponta Motta (2010, p. 90), a questão do nacionalismo era o tema por excelência do instituto, havendo uma intensa preocupação com a soberania nacional por parte dos isebianos. De acordo com Ortiz (2012), estes, apesar de não terem se constituído como grupo homogêneo, dentro de um intenso

necessário destacar um dos pontos de divergência: a questão da ideologia nacionalista, defendida como epistemologia, pelo ISEB, e criticada pelos paulistas, que propunham a padronização científica de modelos universalizados, tanto em métodos quanto em procedimentos, respondendo a parâmetros de excelência. De acordo com Malta e Kronemberger (2009), essas rixas podem ser personalizadas por meio dos emblemáticos entraves protagonizados pelo sociólogo negro Guerreiro Ramos (vinculado ao ISEB até 1958) e por Florestan Fernandes (dos quadros da USP). A problemática se deu, inicialmente, no II Congresso Latino-Americano de Sociologia, realizado de 10 a 17 de julho de 1953, no Rio de Janeiro e em São Paulo, no qual, em sua apresentação, Ramos propôs sete teses para a construção da Sociologia, que foram desaprovados por vinte e dois votos contra nove. Não cabe aqui reproduzi-las, mas apontar que os pontos criticados por Fernandes referiam-se, sucintamente, ao enfoque proposto das pesquisas nas estruturas nacionais e regionais no que tange a aplicação de recursos, práticas e procedimentos metodológicos.

Outra dissensão – que possui ainda maior pertinência para este estudo – entre esses cientistas sociais referia-se à questão do negro na sociedade brasileira, que se constituiu objeto de reflexão de ambos. Conforme expõe Maio (1997), Ramos via o preconceito racial no Brasil como imbricado em questões de ordem econômica e cultural. Para Ramos, as relações raciais poderiam ser equilibradas por meio da distribuição igual de bens econômicos e culturais entre brancos e negros, sendo que o que deveria ser almejado era a ascensão social, econômica e cultural da população negra, por intermédio da assimilação e da integração desse segmento à sociedade dominante. Ver-se-á, mais adiante, que era similar à posição defendida pelo Movimento Negro da época. Essa meta exigiria um processo de reeducação das camadas brancas da população, das quais o racismo seria enfim removido por meio da absorção dos negros nas elites, com o intuito geral de se construir uma verdadeira identidade nacional. Ou seja, para o sociólogo, a questão racial estava atrelada (e subordinada) à pauta da identidade nacional.

O envolvimento de Florestan Fernandes com o tema da raça remonta ao que ficou conhecido por “projeto UNESCO”. A instituição, acreditando que o Brasil vivia sob a égide da harmonia racial, considerava necessário uma maior compreensão do país que levaria às chaves para a superação do racismo e do genocídio mundiais. Em 1930, Gilberto Freyre postulou que a miscigenação no Brasil foi um aspecto positivo no que diz respeito às relações raciais brasileiras. A tese defendida era de que a desigualdade racial era um resíduo da escravidão e da

debate acerca da cultura nacional, reformularam o conceito de cultura, valendo-se de termos como “transplantação cultural”, “cultura alienada”, “colonialismo”, “autenticidade cultural”.

adesão a valores culturais tradicionais, de modo que deveria ser extinta em curto tempo. A perspectiva era de que o país era um lugar não conflitivo quanto às relações raciais. Por intermédio das pesquisas de Fernandes e seus seguidores, no final da década de 1950, pela sistematização de dados acerca do preconceito e da discriminação racial no Brasil, as conclusões apontavam que a democracia racial era um mito e que o racismo era prática generalizada na sociedade brasileira, sendo os brancos hostis, preconceituosos e beneficiários da dominação racial (Telles, 2012), tendo explorado os negros durante e depois da escravatura. Dessa forma, a ideologia racial de Freyre é desconstruída, fato que frustrou, inicialmente, as expectativas da UNESCO.

Ressalta-se aqui, que, embora Fernandes tenha empreendido uma vasta pesquisa a respeito das relações raciais e seus resultados tenham apontado para o racismo generalizado na sociedade brasileira, o sociólogo, assim como seus colegas paulistas, acreditava que a exploração de classe era o maior problema do Brasil, uma vez que a questão econômica era determinante, imputando à questão de classe a mesma primazia dada à questão nacional por Ramos.

Não obstante os dados de Fernandes e seguidores, de acordo com Telles (2012), a democracia racial foi um dogma da Ditadura Militar, com suporte do próprio Freyre que se proclamou defensor do patriotismo e apoiador dos militares. Freyre, em 1962, empregou pela primeira vez o termo “democracia racial”, vindo a defendê-lo fervorosamente cada vez mais.

Ainda de acordo com Telles (2012), os estudos sobre a raça se configuraram em tema de pesquisas marginalizadas ou sem importância para a academia brasileira nos anos 1960.

3. UM POUCO DO MOVIMENTO NEGRO

Desde a abolição da escravatura, ex-escravos e seus descendentes instituíram movimentos de mobilização racial negra por meio da criação de grêmios, clubes e associações, em todo o território nacional (Domingues, 2008). De acordo com Oliveira (2002), essas associações possuíam um caráter beneficente e cultural. O Movimento Negro organizado se desenvolveria na década de 1930, com a criação da Frente Negra Brasileira (FNB), constituindo um marco importante na historiografia do Movimento, uma vez que é identificada como primeiro momento deste no Brasil.

A FNB foi fundada em 1931, em São Paulo, por intelectuais e militantes negros, possuindo estrutura burocrática e interesses políticos específicos (Oliveira, 2002). Segundo Domingues (2007), ela foi a mais importante entidade negra do país, na primeira metade do século XX. CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, Ano 8, Ed. 19, Jan./Jun., 2015.

século XX, com forte presença nacional¹², arregimentando grandes contingentes de negros para dentro do movimento. Possuía uma pauta de reivindicações bem mais deliberadas que as das associações e agremiações anteriores. A entidade também possuía: “[...] escola, grupo musical e teatral, time de futebol, departamento jurídico, além de oferecer serviço médico e odontológico, cursos de formação política, de artes e ofícios, assim como publicar um jornal, o *A Voz da Raça*”. (Domingues, 2007, p. 106).

De acordo com Oliveira (2002), a FNB era cônica a respeito da tentativa de se negar o racismo no Brasil, pois, naquele período, a ideologia da democracia racial defendida por Freyre estava na ordem do dia¹³. No entanto, a estratégia da entidade era a de integração social dos negros. Embora houvesse efetivamente denúncias sobre a postura racista da sociedade brasileira, a instituição empregava, às vezes, um discurso culpabilizador em direção aos negros por serem vítimas de preconceito e discriminação. Logo, a Frente propunha uma espécie de “branqueamento”, solicitando aos negros que abandonassem os “vícios da raça”¹⁴ (vadiagem, futebol, samba, alcoolismo, etc.) e fazendo apologia à apropriação de códigos ideológicos dominantes. Sublinha-se aqui que, embora a FNB não visasse à derrubada do sistema social, possuiu o mérito, de acordo com Hanchard (2001), de colocar em xeque a democracia racial e promover a auto-ajuda entre os negros. Ressalta-se que os negros padeciam de dificuldades de acesso de toda ordem, desde a abolição da escravatura: saúde, educação, assistência social, emprego formal, saneamento, etc. Situação essa agravada com a crise de 1929, que gerou, principalmente para a população negra, efeitos nefastos como a fome, o desemprego e a miséria. (Oliveira, 2002).

Em 1936, a FNB transformou-se em partido político, possuindo pretensão de participar das próximas eleições. Sua ideologia partidária defendia um programa autoritário e ultranacionalista¹⁵. A FNB orientava-se pelo integralismo, sendo que seu jornal, *A voz da raça*, possuía o sugestivo subtítulo de “Deus, Pátria, Raça e Família”, que só se diferenciava do principal lema integralista por conter a palavra “raça”. Em 1937, a FNB, tal como todas as demais organizações políticas, foi extinta pela ditadura varguista, que se caracterizou por uma política violentamente repressiva, inviabilizando qualquer movimento contestatório. Só com o

¹² Domingues (2007) aponta que havia “delegações” da FNB (espécies de filiais) nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia.

¹³ A ideologia da democracia racial foi defendida tanto pela ditadura estadonovista quanto pela ditadura militar.

¹⁴ O que fica muito bem ilustrado neste trecho do jornal *A voz da raça* (ano III, nº 62, fevereiro de 1937): “E havemos de vencer. Vencer antes a nós mesmos; vencer as paixões ruins que nos dominam; as qualidades más, o álcool, o samba desenfreado, o descrédito imerecido; vencer a incompreensão, a cobiça, o orgulho, o despeito que vem confirmar a lúgubre frase de Patrocínio - inimigo do negro é o próprio negro (...)”. (Maués *apud* Oliveira, 2002, p. 65).

¹⁵ É importante ressaltar que, à época, o nazifascismo estava em ascensão no mundo global.

fim do Estado Novo é que o Movimento Negro organizado ressurgiu¹⁶, conquanto sem o mesmo poder aglutinador anterior, embora a imprensa negra tenha florescido bastante no período¹⁷.

Um agrupamento surgido no período foi o Teatro Experimental do Negro (TEN). O TEN foi fundado no Rio de Janeiro, por Abdias do Nascimento, sua principal liderança. Nascimento foi um artista plástico de múltiplos talentos, ativista, escritor, poeta, dramaturgo, além de ser uma figura dinâmica e controversa dentro do Movimento Negro. De acordo com Domingues:

Outro agrupamento importante foi o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado no Rio de Janeiro, em 1944, e que tinha Abdias do Nascimento como sua principal liderança. A proposta original era formar um grupo teatral constituído apenas por atores negros, mas progressivamente o TEN adquiriu um caráter mais amplo: publicou o jornal *Quilombo*, passou a oferecer curso de alfabetização, de corte e costura; fundou o Instituto Nacional do Negro; organizou o I Congresso do Negro Brasileiro; promoveu a eleição da Rainha Mulata e da Boneca de Pixe; tempos depois, realizou o concurso de artes plásticas que teve como tema Cristo Negro, com repercussão na opinião pública. Defendendo os direitos civis dos negros na qualidade de direitos humanos, o TEN propugnava a criação de uma legislação antidiscriminatória no Brasil. (Domingues, 2007, p.109).

Tais iniciativas surgiram pois, no olhar de Nascimento, a missão principal do TEN seria a de auxiliar os negros a elevarem seu nível cultural e seus valores individuais, aderindo a uma ideia de ascensão social individualizada. Nascimento também afirmava que os negros possuíam uma mentalidade pré-lógica e pré-letrada, tornando necessário o auxílio para o refinamento estético e intelectual dos negros. (Hanchard, 2001). Neste ponto, surgem contradições como na FNB¹⁸, apontando proximidades com seu pensamento. No entanto, o TEN conseguiu o feito de levar para a dramaturgia a temática racial.

Tendo a ditadura varguista silenciado a FNB, o golpe de 1964 deixou o TEN moribundo, culminando em seu fim definitivo em 1968, ano em que Nascimento foi obrigado a partir para o exílio nos EUA. De acordo com Telles (2012), havia um profundo receio de que o Movimento

¹⁶ O que não quer dizer que não tenham surgidos agrupamentos. Em São Paulo, por exemplo, teve a criação da União dos Homens de Cor (1943), grupo expressivo e com boa adesão. (Domingues, 2007).

¹⁷ O tema da imprensa negra é rico e com longo histórico. O primeiro jornal negro foi *A pátria: órgão dos homens de cor*, de 1899. Os jornais multiplicaram-se tanto que, até 1930, existiam, pelo menos, 31 periódicos da imprensa negra circulando por São Paulo. Tais veículos eram usados para se denunciar a segregação racial e as mazelas por que passava a população negra, no que tange às questões de trabalho, saúde e educação, além de uma busca pela reflexão acerca de soluções para o racismo que grassava na sociedade. Para o período em questão (após o Estado Novo), Domingues lista a criação destes jornais: “[...] Alvorada (1945), O Novo Horizonte (1946), Notícias de Ébano (1957), O Mutirão (1958), Níger (1960); em Curitiba, o União (1947); no Rio de Janeiro, o Redenção (1950) e A Voz da Negritude (1952). Registrou-se, ainda, o aparecimento da revista *Senzala* (1946), em São Paulo. [...]” (Domingues, 2007, p. 110).

¹⁸ Conforme mencionado, a FNB foi uma entidade de considerável envergadura, que, provavelmente, deixou impactos para as associações negras surgidas posteriormente. Além do mais, ainda na década de 30, Abdias do Nascimento integrou a FNB. Igualmente, foi integralista em sua juventude, juntamente com o sociólogo, já citado, Guerreiro Ramos, que também participou do TEN.

Negro, no Brasil, se tornasse vetor de um conflito racial, a exemplo dos eventos que tinham tomado cena nos Estados Unidos, vindo a ser uma ameaça à segurança nacional. O golpe representou um momento de derrota para o Movimento Negro, seus militantes foram acusados de criar um problema racial que não havia no Brasil, uma vez que, como já visto, a ideologia da democracia racial foi elevada a dogma pelos defensores do regime.

Resta destacar que o Movimento Negro, nos períodos contemplados, não obteve apoio nem da esquerda nem da direita, ficando isolado politicamente. Para o PCB, detentor da hegemonia da esquerda no país, as demandas raciais eram tidas como um equívoco e um entrave à luta dos trabalhadores. Para o partido, a luta do movimento era inconveniente e dividia a classe trabalhadora. Em 1946, o partido recusou uma lei antidiscriminatória¹⁹, proposta pelo udenista Hamilton Nogueira. (Domingues, 2007). Vale lembrar que semelhante era a opinião de Florestan Fernandes e de seus colegas paulistas, que afirmavam que o principal problema era de ordem econômica, dando primazia ao discurso de classe.

4. RETOMANDO ALGUNS PONTOS PARA A COMPREENSÃO E ALGUMAS CONCLUSÕES

Destacar a *performance* do Batuque Afro-Brasileiro, contida no espetáculo *Aquarela do Brasil*, no intuito de compreendê-la dentro do contexto de época, constitui-se como um convite a um bom número de reflexões. Primeiramente, existe uma primazia nas análises das manifestações artísticas e culturais brasileiras – principalmente aquelas efetivadas por cientistas sociais e historiadores – quanto à relação das mesmas com a construção de símbolos de identidade nacional, sobretudo no período que se compreende do Estado Novo até a Ditadura Militar. Salienta-se o aliciamento que a máquina ideológica do primeiro governo varguista²⁰ empreendeu em certas manifestações, como o samba e o futebol, por meio da cooptação de seus símbolos, da censura a certos aspectos (como a malandragem), da “domesticação” e da devolução para as massas de algo já conhecido e consumido, mas que após o processo de “depuração” – por meio de um discurso oficial nacionalista e patriótico que almejava a dominação – poderiam se identificar. Dessa forma, credita-se à refinada engenharia estatal de Vargas a criação do apanágio de que o Brasil é o país do carnaval e do futebol. As análises sobre

¹⁹ A primeira lei antidiscriminatória do Brasil só foi aprovada em 1951, conhecida como lei Afonso Arinos. Ironicamente, foi implantada após o escândalo envolvendo uma bailarina negra dos EUA, Katherine Durham, impedida de se hospedar num hotel em São Paulo.

²⁰ Para utilizar maior precisão, atribui-se que o governo Vargas tenha se apropriado de um discurso identitário já engendrado por Gilberto Freyre em *Casa grande & senzala* (1933). (Pereira, 2012).

a música popular brasileira são exemplos preciosos em relação à transmutação de manifestações mal-quistas pela sociedade e perseguidas pela polícia, consumidas entre segmentos negros e pobres, como um símbolo nacional por excelência, por intermédio de uma deliberação efetivada pelo Estado e sua *intelligentsia*. Todavia, esse não se apresenta como um ponto de partida ou chegada completamente satisfatório para se pensar sobre o que se propõe neste momento.

Por outro lado, em um primeiro instante, o título da peça teatral parece sugerir tal hipótese. De fato, *Aquarela do Brasil* foi igualmente o título do mais famoso “samba cívico” ou “samba exaltação”, criado por Ary Barroso, por meio de uma estética patriótica, que exaltava as belezas tropicais do Brasil e seu povo mestiço (*O mulato inzoneiro* de Ary Barroso é o mestiço “brasileiro por excelência” de Freyre²¹). A *Aquarela* de Ary inclusive representou o país no exterior²², importando a imagem de um paraíso tropical. Soma-se ao sugestivo título do espetáculo juiz-forano o fato de que Nelson Silva era uma figura ligada ao samba e às Escolas de Samba, e inclina-se a procurar o esquema da construção de identidade nacional, via *intelligentsia* estadonovista, o que desponta como uma possível ferramenta de análise.

Ao se voltar os olhos para o “quadro do negro” e a apresentação e representação do Batuque Afro-Brasileiro como fonte histórica para se refletir sobre a questão racial brasileira, torna-se necessário ultrapassar tais chaves de compreensão. Mesmo que se tome por intenção inicial de Lery (branco e de formação acadêmica) a elucidação do “mito das três raças” na sua obra, o “quadro no negro” não possuía aspectos de “branqueamento”. É importante expor, nesse momento, que a obra *Casa grande & senzala* (1933) de Gilberto Freyre “adocicou” as relações entre senhores e escravos, abrandando as relações opressivas. Portanto, pelas exemplificações, parece lícito supor que, provavelmente, não existia nem mesmo na cabeça de Lery a apologia de uma doce ideologia freyreana, pois partiu do próprio a solicitação a Nelson (negro e envolvido com questões da negritude²³) de um quadro sobre a captura dos africanos, a travessia no navio negreiro, o trabalho nos planteis e a fuga para o Quilombo dos Palmares. Afinal de contas, torna-se patente que quem é forçado a ir para outro lugar e sonha em de lá fugir não

²¹ Neste aspecto, as obras de Freyre foram revolucionárias. Segundo Pereira (2012) a miscigenação outrora vista como um fenômeno negativo (a partir de uma perspectiva eugenista que via a raça negra como inferior) passou a receber uma leitura positiva: a presença generalizada do mestiço comportava a possibilidade da harmonia racial no país.

²² Foi inclusa na trilha sonora do filme *Alô amigos*, de Walt Disney, fazendo parte de um projeto de “Política da Boa Vizinhança” entre Estados Unidos e América Latina. (Pereira, 2012).

²³ Nelson Silva, segundo relatos, era um estudioso dos assuntos raciais, embora não se saiba ao certo o que e quem ele lia. Pode-se aventar algumas hipóteses, refletindo sobre ações e comportamentos de Nelson. De acordo com Oliveira (2003), uma de suas intenções era “divulgar as raízes negras”; fazia filantropia junto a comunidades negras, por meio de campanhas de doação (embora fosse considerado um homem pobre, por relatos); empenhava-se em campanhas para a criação de mais empregos e mais escolas para os negros; pretendia ocupar os mesmos com as manifestações culturais para que não ficassem em botequim, bebendo, brigando e vadiando. Os ideais de Nelson guardam semelhanças com os da FNB e os do TEN.

parece muito satisfeito ou adaptado. Ressalta-se que, ainda que academicamente o mito da democracia racial tenha sido desconstruído por meio de Florestan Fernandes e seus seguidores, este continuou a servir como uma ideologia oficial no período da Ditadura Militar, sendo muito difundido, inclusive, no senso comum.

Obviamente, o Estado Novo já tinha terminado há quase vinte anos. Entretanto, é notável que os impactos acionados por esse período da História brasileira foram profundos e persistentes. Lery, em entrevista concedida a Medeiros, Medeiros Filho e Mostaro (1977), apontou que, quando escreveu a letra do samba-enredo *Mascarada Veneziana* para o Carnaval de 1966²⁴, sua intenção era descrever a origem popular do Carnaval, falando de pierrôs, arlequins e colombinas. Segundo Lery, os temas exclusivamente nacionais eram um “patriotismo de DIP²⁵”, que ele acreditava limitar as composições. Em outro momento da entrevista, Lery apontou que Nelson apreciava os temas ufanistas no Carnaval. Nota-se que Lery estava mencionando um desconforto com as diretrizes de um departamento que tinha sido extinto há mais de vinte anos.

[...] Então eu inventei a “Mascarada Veneziana”, misturando aquela porção de coisas. Eu quis mostrar o seguinte: a origem popular do carnaval. Para dar o tom romântico, a fantasia, eu me lembrei do Michel Zevaco – “A ponte dos suspiros”, “Os Amantes de Veneza”, os doges, etc. Então botei os personagens Rolando e Leonor. De Menotti Del Pichia eu peguei Pierrot, Arlequim e Colombina e os coloquei na praça em Veneza. [...] É a própria origem popular do carnaval. A intenção foi realmente essa: mostrar o carnaval, com romantismo, e sem se prender, necessariamente, ao Brasil. Porque antigamente a coisa era aquela – Caxias, Princesa Isabel – não sou contra não, mas era tudo um patriotismo de DIP... (Mostaro *et al.*, 1977, p. 114).

[...] “O Estado Novo, felizmente acabou. Entendo que a cultura é um fato universal. A sensibilidade brasileira precisa saber também dos clássicos. E no caso específico de “Mascarada Veneziana”, tenho a declarar que não havia, no recém criado DAT, nada regulamentando a matéria. O povo entendeu a mensagem. A Feliz Lembrança cumpriu a sua missão.” (Mostaro *et al.*, 1977, p. 93).

O Carnaval de Juiz de Fora ainda praticava o “patriotismo de DIP”, assim como o carioca, na maioria dos seus sambas-enredo. Contudo, Mattos e Martins (2009) demonstraram como a Escola de Samba carioca Acadêmicos do Salgueiro, a partir da década de 1960, já abordava temas relacionados à tradição afro-brasileira e aos acontecimentos históricos que envolviam personagens negros, exaltando heróis negros pouco conhecidos do público. Em 1960, essa agremiação fez um samba intitulado “Quilombo dos Palmares”, no qual se homenageava Zumbi. O samba-enredo de 1964 dessa agremiação narrou a história de Chico

²⁴ Mais uma parceria de Lery (letra) com Nelson Silva (música). O samba-enredo foi eleito campeão, tendo sido o primeiro carnaval oficial de Juiz de Fora, em 1966.

²⁵ Departamento de Imprensa e Propaganda. Órgão do Estado Novo que realizava a censura e o *marketing* político.

Rei, africano trazido ao Brasil no período escravista. Tais exemplos, assim como o próprio “quadro do negro”, eram assemelhados à experiência “quilombista”²⁶, ou seja, uma posição racial valorativa. No próprio carnaval de Juiz de Fora de 1968, o tema do samba-enredo da Feliz Lembrança (mais uma parceria musical de Nelson Silva e Lery Guimarães), foi Zungá-Rei, que contava a história de um rei africano que fora escravizado.

Embora a literatura sobre o negro, nos inícios da década de 1960, ainda se encontrasse eivada de estereótipos (caricaturas como as do negro vítima, do negro infantilizado, do negro pervertido, da negra sensual), somente a partir dessa década o protagonismo negro principia a despontar, sendo uma exceção o romance *Ganga Zumba*, de José Felício dos Santos, em cuja história um narrador onisciente apresenta relatos e comentários, dando voz aos negros, que, apesar de marcados pelo sofrimento, aparecem como sujeitos ativos que se assumem na luta por afirmação (Proença Filho, 2004). No entanto, a escrita já era praticada pelos negros, a exemplo das poesias de Solano Trindade (um dos fundadores da FNB de Pernambuco e participante do TEN) que versavam sobre as tradições africanas e os heróis negros esquecidos da História do Brasil. O próprio Abdias do Nascimento, com seu TEN, afirmou o negro como sujeito ativo na formação da cultura nacional, procurando desenvolver sua autoestima, ainda que mesclando contradições discursivas. O TEN, de igual forma, colocou em relevo a presença do dispositivo teatral não sobre, mas feito pelo negro, com suas temáticas peculiares (Flores & Amorim, 2011).

É importante pontuar que, embora já sob os auspícios da Ditadura Militar, o espetáculo não sofreu censura, nem problemas durante sua apresentação. Sabe-se que Lery encontrava-se sob inquérito policial (Mostaro *et al.*, 1977). Todavia, os anos duros ainda estavam por vir, posto que a repressão e a censura acirravam-se progressivamente, culminando com a publicação do AI-5, em 1968.

Por intermédio dessas exemplificações e apontamentos, compreende-se a possibilidade da apresentação e da representação “quilombista”, por assim dizer, do Batuque Afro-Brasileiro no contexto de época, transcendendo a chave compreensiva que enlaçava intelectuais e Estado na fabricação de símbolos nacionais “branqueados”, que suprime os discursos de intelectuais e artistas negros, bem como os daqueles que se apropriam dos bens culturais no seu cotidiano.

²⁶ Expressão utilizada por Abdias do Nascimento, como um desdobramento da experiência “afrocentrada”. O quilombismo é uma proposta política de desconstrução do estigma imposto pelo colonialismo ao legado negro e africano. É uma estratégia de sobrevivência física e mental, desenvolvida em prol das comunidades negras.

ABSTRACT

This work intends to analyze the race issue, of the early 1960, from the "picture of the black people musical" inserted in the show "Aquarela do Brasil", of 1964, conceived and carried out in Juiz de Fora, Minas Gerais municipality. The Board was formed by a choir of black men and women, as well as percussionists, who sang the music "Slavery and Freedom", whose motto was the history of Brazilian slaves, since the Atlantic crossing, passing by the slave labour until the leak to the Quilombo dos Palmares. On the assumption that cultural phenomena depend on the contexts in which they are inserted, by means of the illustration of the play, to understand the "racial paradigm" in that period, guiding the socio-historical approach analytical. Rescuing the speeches and strategies established by the Brazilian black associations available at that time (in particular, the Brazilian Black Front and the Black People Experimental Theater) and the academic and literary productions on racial and cultural issues of the period, making use of the reflection about the possibilities and recovery of the racial identity in context. Finally, it is intended to link the knot between the context that was the racial paradigm in the early 1960 and both presentation and representation of the black frame of the play "Aquarela do Brasil", in order to reflect about the racial issues that permeated a period of Brazilian history, seeking to promote and enrich the debate and reflection on the issue taking the case as a starting point now.

Keywords: Aquarela do Brasil. Black Movement. Race. National Identity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, Rita de Cássia S. F. *O negro: trabalho, sobrevivências e conquistas Juiz de Fora, 1888-1930*. Juiz de Fora: Funalfa, 2006.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Rev. Tempo*, Niterói, v. 23, p. 100-122, 2007.
- FLORES, Elio Chaves; AMORIM, Alessandro. "Protagonismo negro numa perspectiva autocentrada". *Rev. Brasileira do Caribe*, São Luis, Vol. XI, nº22, jan.-jun. 2011, p. 59-78.
- GOMES, Angela de Castro. "A política brasileira em busca da Modernidade: na fronteira entre o público e o privado". In: Novais, F. A. (Coord-Geral)/SCHWARCZ, L. M. (Org.). *História da vida privada no Brasil: Contraste da Intimidade Contemporânea*(Vol. 4). São Paulo Companhia das Letras, 1998, p, 489 557.
- HANCHARD, Michael George. *Orfeu e o poder: movimento negro no Rio e São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- MAIO, Marcos Chor. Uma Polêmica Esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o Tema das Relações Raciais. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, 1997.
- MALTA, Márcio; KRONEMBERGER, Thais Soares. Nem melhor nem pior, apenas divergentes: *uma contribuição acerca da sociologia brasileira e da polêmica entre Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos*. *Rev. Achegas*, Rio de Janeiro, n. 42, 2009.
- MATTOS, Pablo de O. de; MARTINS, Raphael N. Ressoam os atabaques lembrando a África distante: resistência e identidade nos sambas-enredo de 1960. In: SIMPÓSIO NACIONAL
- CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, Ano 8, Ed. 19, Jan./Jun., 2015.

- DE HISTÓRIA, n. 25, 2009. Fortaleza. *Anais...* Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1107.pdf>>. Acesso em: 04 mar. 2015.
- MOSTARO, Carlos D.; MEDEIROS, Roberto F. de; MEDEIROS FILHO, João. *História recente da música popular em Juiz de Fora, 1945-1975*. Juiz de Fora: Ed. Dos autores, 1977.
- MOTTA, Luiz Eduardo. A política do Guerreiro: Nacionalismo, revolução e socialismo no debate brasileiro dos anos 1960. *Rev. O&S*, Salvador, v.17 - n.52, p. 85-101, jan.- mar., 2010.
- OLIVEIRA, Laiana Lannes de. *A Frente Negra Brasileira: política e questão racial nos anos 1930*. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, UERJ, Rio de Janeiro, 2002.
- OLIVEIRA, Osvaldo Antônio de. *O batuque Afro-brasileiro de Néelson Silva*. Juiz de Fora: Funalfa, 2003.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- PEREIRA, Maria Fernando de F. O samba de exaltação: convergências e conflitos na construção discursiva da identidade nacional. *Rev. Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1/2, p. 103-119, jan.-dez. 2012.
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Rev. Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, abr. 2004.
- REIS, Leticia Vidor de S. A 'Aquarela do Brasil': Reflexões preliminares sobre a construção da identidade nacional do samba e da capoeira. *Rev. Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 3, p.5-19, 1993.
- SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro, 1917-1933*. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 2001.
- TELLES, Edward E. *O significado da raça na sociedade brasileira*. Versão divulgada na internet, 2012. Disponível em: <<http://www.princeton.edu/sociology/faculty/telles/livro-O-Significado-da-Raca-na-Sociedade-Brasileira.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2015.